



# Avante!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## O SALAZARISMO FOMENTADOR DO MERCADO NEGRO

O GOVERNO anunciou a grande ofensiva contra o «mercado negro». Essa ofensiva traduziu-se na prisão de pequenos comerciantes e lavradores e na apreensão de escassas quantidades de produtos. O certo é que o governo procura desviar as atenções dos verdadeiros responsáveis da escassez, da alta dos preços e do mercado negro, que são os senhores dos Grémios, e Justas. Procura lançar o ódio popular, não contra o governo e organismos corporativos, mas contra os pequenos comerciantes e produtores. Procura também impedir que o pequeno produtor seja de entregar aos Grémios e a baixo preço os seus produtos para depois os ter de comprar a altos preços. Vê-se assim que a ofensiva contra o «mercado negro» não se dirige contra os grandes açambarcadores e candongueiros fascistas mas contra o povo em geral. Basta ler os jornais para ver que os reis do «mercado negro» reúnem com o capitão Silva Pais para «orientarem» a luta contra o «mercado negro». Os casos de Vila Real e Poiães, em que os próprios homens da Intendência tiveram de aparecer a público como candongueiros

» —————> pág. 3

Salazar sujeita a Nação ao vexame e ao isolamento

## A ONU VOTOU CONTRA SALAZAR

Por um novo governo e uma nova política

O CONSELHO DE SEGURANÇA da ONU, rejeitou o pedido de admissão de Portugal. Por quê? Porque Portugal é governado pela camarilha salazarista que antes e durante a guerra auxiliou Hitler, que auxiliou e auxiliou Franco, que entregou Timor aos militaristas japoneses, que condena o povo português à mais feroz ditadura fascista. Esta foi a razão por que Portugal não foi admitido na ONU.

Salazar diz agora, na «nota oficiosa» de 4 de Setembro, que não está «esperoso de não entrar». A verdade é ter julgado poder comprar a sua admissão na ONU a troco de concessões ruinosas para a nação, feitas à Inglaterra e Estados Unidos, entre as quais: a entrega efectiva à Inglaterra do comércio externo das conservas (assim como de outros produtos); o acordo monetário que salda praticamente a dívida inglesa a Portugal; a entrega das bases dos Açores, a dívida de 25.000 contos do que faz falta ao estômago do povo para as campanhas pretensamente humanitárias da UNRRA. Salazar entrega os seus embaixadores e diplomatas aos fomentadores de guerra para suas manobras e conspirações. Mas todas estas e outras concessões ruinosas

que roubam a independência ao país e o encaminharam para perigosas aventuras, não foram bastantes para que Salazar entrasse na ONU. Apesar do auxílio desesperado que lhe foi prestado pela reacção mundial (a quem está pagando tão bem), Salazar foi rejeitado pela ONU.

A citada nota oficiosa diz que o veto da URSS era esperado. Porque foi então feito o pedido? A mesma «nota» diz que não se supunha que no Conselho de Segurança se pudesse usar o veto pois «a competência para a admissão é exclusiva da Assembleia». Isto é deitar poeira nos olhos. O art. 4, n.º 2, da Carta das Nações Unidas estipula expressamente que a admissão «será efectuada por decisão da Assembleia Geral SOB RECOMENDAÇÃO DO CONSELHO DE SEGURANÇA». Isto quer dizer que Salazar contava que a Inglaterra e os Estados Unidos levassem a URSS a ceder na admissão do regime salazarista e não como agora diz.

Mas a URSS e a Polónia souberam prestar um serviço à nação portuguesa e à paz do mundo. Como sublinhou o número anterior do «Avante», a admissão de Portugal na ONU, nas circunstâncias actuais, fortaleceria o domínio fascista, aprofundaria a exploração e o terror e levaria o país para o caminho de concessões ruinosas e da perda da independência. A não admissão, cria condições favoráveis para uma modificação da política portuguesa num sentido democrático e patriótico, e que será a base em que poderá assentar a entrada de Portugal na ONU.

O VOTO DA ONU NÃO FOI CONTRA PORTUGAL; FOI CONTRA SALAZAR. Se no governo estivessem homens honrados, democratas sinceros, que libertassem Portugal do terror fascista e da tutela estrangeira, que cortassem com o passado pró-hitleriano da política salazarista, Portugal teria hoje um lugar na ONU. Salazar no poder sujeita a nação ao vexame e ao isolamento no mundo democrático.

OS INTERESSES DE PORTUGAL

» —————> pág. 3

## Bento Gonçalves

O GRANDE PATRIOTA ASSASSINADO

EM SETEMBRO DE 1942 — faz agora 4 anos — morreu no Campo de Concentração do Tarrafal o Secretário Geral do Partido, Bento António Gonçalves. Para aí o mandou o governo salazarista com o fim premeditado de o aniquilar com os maus tratos, o clima, a doença inevitável.

Com a morte de Bento, perdeu Portugal um dos seus mais valiosos filhos e perdeu o nosso Partido o seu dirigente considerado e amado. O nome de Bento perdurará como o dum clarividente militante operário e dum patriota indefectível. Bento lutou inatigavelmente pela união dos democratas para salvar Portugal do fascismo. Bento lutou com firmeza contra os inimigos da unidade do Partido e por duas vezes, em 1929 e 1940, as suas discretas levantaram o Partido do adismo a que o conduziram oportunistas e provocadores. Toda a vida de Bento é um exemplo de abnegação, de firmeza, de modéstia e simplicidade, pelo qual os comunistas portugueses se orgulham e se guiam.

Prestemos-lhe homenagem a Bento Gonçalves, intensificando, neste 4.º aniversário da sua morte, a luta pela extinção imediata do Tarrafal, onde sofreu durante 6 anos, onde foi assassinado e onde ainda hoje 500 bons portugueses se encontram condenados à morte lenta.



« Impõe-se uma política verdadeiramente nacional, ditada pelos interesses do país. Impõe-se o estabelecimento de íntimas relações com a Inglaterra e os Estados Unidos que não sejam de subserviência e de colonização de Portugal. Impõe-se o estabelecimento de relações diplomáticas com a URSS e um intercâmbio económico e cultural. Impõe-se uma íntima colaboração com a França. Impõe-se o restabelecimento das relações com a Checo-Eslóvaquia e relações amigáveis com a Europa oriental. Impõe-se uma política de amizade com o povo brasileiro e que cesse a acção conspiratória do salazarismo no Brasil. Só com essas condições, Portugal, que pela política anti-nacional de Salazar colaborou com Hitler na guerra, pode reconquistar a confiança e a amizade dos povos do mundo e ter um lugar honroso na comunidade das nações.»

(Do Informe Político do CC ao 2.º Congresso Legal do PCP)

# As lutas da classe textil

A indústria textil é uma das mais florescentes do nosso país. Os industriais arrecadaram lucros fabulosos, como a C.<sup>a</sup> do Rio Ave que no ano passado arrecadou um lucro líquido de 5 mil contos. Entretanto a classe operária desta indústria tem um contrato colectivo que a condena à maior miséria.

O governo protege os capitalistas procurando não fazer a revisão deste contrato. Mas os operários textéis do Norte entraram abertamente no caminho da luta. Desde Fafe a Vila do Conde, seguindo os rios Alzela e Ave, está concentrado grande número de fábricas textéis que comportam mais de 30.000 operários e operárias. Estes operários acorrem em massa nos sindicatos forçando os seus dirigentes a dirigir-se ao governo e exigindo providências imediatas. As suas reivindicações são as seguintes: 1.<sup>o</sup> aumento imediato de salários; 2.<sup>o</sup> aumento

dos géneros do racionamento e que este seja distribuído a tempo e horas. Em Fafe uma grande concentração operária forçou o sindicato a enviar uma exposição ao delegado do I. N. T. na qual se pedem providências. Em Julho e Agosto, concentrações no sindicato de **Delães**, exprimiram a vontade de mais de 15.000 operários. Em **Vila do Conde**, uma grande concentração obrigou o sindicato a oficial para o delegado do INT, declarando que «a quase totalidade dos operários da C.<sup>a</sup> do Rio Ave (que são 1.500), reclamou providências deste organismo».

A todas estas lutas o governo e o patronato não dão qualquer resposta. Esse desprazo e desinteresse provam que o governo não procura solucionar o problema e **tor-na-o inteiramente responsável pela agudização da luta**. Os operários textéis desta importante região industrial encontraram o caminho justo para a luta a conquista das suas reivindicações. A Luta e a Unidade da classe são o factor fundamental da vitória. Impõe-se a continuação e a unificação da luta em escala sempre crescente. Que se formem **Comissões de Delegados e Delegadas de cada Fábrica, Localidade e Região**. Concentrações e assembleias nos sindicatos! Que estes sejam as casas onde os operários se juntem e tomem resoluções para a conquista das suas reivindicações. Que as **Comissões de fábrica**, sempre apoiadas nos operários, exijam aos patrões aumento imediato de salários. Nada de ficar à espera do novo contrato pois o governo fará tudo para o retardar. Que as **Comissões Locais e Regionais** exijam às autoridades locais aumento do racionamento, aos delegados do INT e ao próprio Sub-secretário, a revisão imediata do contrato colectivo. Não permitir a publicação doutro sem a aprovação da classe. Que cada categoria diga quanto precisa para viver e se não permita a formação duma «Comissão técnica» com laços dos patrões.

**Que os textéis do Porto comecem também a sua luta, juntando-se aos do Minho, na LUTA COMUM por uma vida mais farta e mais feliz.**

## Romagem à campã de ALEX

No mês de Julho, um grupo de democratas fez uma romagem à campã de Alfredo da Assunção Deniz, Alex. Alguns usaram da palavra lembrando o herói caído no serviço do Povo e da Pátria. Um dos oradores disse: «Que a sua memória, o seu espírito de luta e abnegação, nos inspire e sirva de estímulo, na luta contra o fascismo, por uma verdadeira democracia e pela emancipação geral dos trabalhadores da nossa Pátria. Glória eterna ao camarã Alex e a todos aqueles que tombaram na luta».

da pág. 1 >>> > **A ONU**

**RECLAMAM UMA RÁPIDA MUDANÇA NA POLÍTICA PORTUGUESA.** Reclamam uma viragem real para a democracia, uma completa viragem na política externa, com estabelecimento de laços fraternos com todas as nações e, em especial com a URSS.

Não é reforçando o aparelho repressivo, recrutando centenas de agentes para a banda de gangsters da PVDE prendendo dirigentes do MUD, proibindo as eleições sindicais, mantendo o Tarrafal; não é massacrando os trabalhadores que reclamam paz; nem remodelando a União Nacional, governos civis e militares com fascistas nazis; não é fazendo pura demagogia com promessas de subsídios, melhoramentos, vitórias ministeriais, condecorações e festas; não é desviando as atenções do povo para a volta a Portugal em bicicleta, Feira Popular, Feira do Bendeia, etc.; não é fantochando uma repressão ao «mercado negro» que outra coisa não é que uma tentativa de atirar responsabilidades para os pequenos comerciantes e produtores e uma defesa dos grandes especuladores fascistas dos Grémios, Federações, Juntas, etc.; não é preparando novas mascaradas de eleições com partidos políticos fantoches; não é escravizando os povos coloniais e entregando-os à rapina do imperialismo internacional; não é conduzindo uma feroz campanha anti-soviética e contra as jovens democracias; não é conspirando contra as liberdades do Povo brasileiro e ajudando Franco; — não é desta forma que se defendem os interesses da nação. **A permanência de Salazar no poder só pode ser funesta para o futuro do país.** Urge a instauração dum governo de portugueses honrados que encaminhe Portugal para a Democracia e o convívio das nações.

## 8 de Setembro

Passaram 10 anos que os valentes marinheiros portugueses se levantaram contra o fascismo salazarista. A sua revolta dirigiu-se contra os crimes do fascismo, contra a intervenção anti-nacional em Espanha, contra as violências praticadas sobre o povo português. Salazar sufocou com metralha o levantamento dos marinheiros. Condenou muitos a penas de dezenas de anos de prisão. Alguns ficaram para sempre no campo de morte do Tarrafal. Dezenas de outros lá continuam esperando igual sorte. Entre eles contam-se democratas destacados como João Faria Borda, Fernando Vicente, Joaquim Gomes Casquinha, José Neves Amado, João Galo Gomes, José Barata Junior, Joaquim Ribeiro, António e Joaquim Marreiros etc. Basta de crimes! Estes bons portugueses devem voltar ao país, para o servirem com toda a valentia e abnegação de que têm dada mostras durante estes longos anos nos campos de concentração salazaristas.

Exigi a libertação dos marinheiros do 8 de Setembro, bem como a de todos os presos anti-fascistas. Exigi a extinção imediata do Campo do Tarrafal.

## Quantias recebidas dos Amigos do Partido

A. C. ....	71500	Transp.	6.851.560
A caminho da	—	Mais um ..	4500
Vitória ...	25500	Idem .....	4500
A. F. C. A. (M)	50500	Mauecas ..	19550
A espera D D	7500	Idem .....	6500
Idem .....	5500	Mauecas B.	120800
Alex .....	50500	Mauecas L.	44550
Amigos para	—	Manuel Vieira	—
sempre ...	22500	Tomé ....	42550
Ant. Guerra	320500	Idem .....	78500
Areobor ...	10500	Marat .....	10500
A sombra ..	13500	Maria Machado	59500
Baileista ..	6500	Idem .....	59550
Idem .....	6500	Marinha Ver.	5500
Barbousse ..	330500	Marquês (AM)	33500
Barman ...	20500	Martico Ver.	25550
Chama Ver.	17550	Matchka ...	50500
C. M. ....	20500	Idem .....	50500
Caetano ...	8500	Minhoto Ver.	20500
Costa .....	21500	Natacha ...	5500
D. K. ....	5500	Novatipo ..	—
D. P. ....	2500	(Diniz) ...	300500
De Frente ..	109500	Novo Amigo	10500
Dimitrov ..	78500	N.º 7 (AL)	55500
Idem .....	70500	N.º 13 (AL)	70500
Idem .....	4550	N.º 21 (AL)	28500
Dinamite ..	60500	Oferta ....	20500
Dionos (?) ..	5500	Os Mágicos	20500
Do Amil J.	42550	Ortalbo ....	20500
Dois .....	16500	Papóia V.ª	6500
Dois Amigos	5500	Idem .....	36500
Idem .....	20500	Para Amigos	—
E. N. ....	22550	do Tarrafal	412500
Ex .....	5500	Pela cam. Ma	—
F. A. ....	20500	ria Machado	282500
Faria Borda	20500	Pires Jorge II	10500
Ferrugem ..	484500	Poloneses ..	50500
Festa .....	900500	Poloneses ..	27550
Idem .....	600500	Pró Demo-	—
Idem .....	250500	cracia ....	100500
Idem .....	30500	Idem .....	50500
Fontoira ...	25500	Produto ven-	—
Frembo (?) ..	20500	da 5 «Avs.»	26800
G. P. ....	5500	Pró Nova	—
Graco .....	10800	Tipo .....	407550
Gr. Amílcar	20500	Punho V.ª ..	50500
Gr. Jovens	—	Putlov ....	170800
Unidos ...	18500	Rato X ....	6500
H. Barbousse	117550	Revolutados	—
Iskra .....	15500	Vermelhos	2550
Idem .....	26500	Revolução ..	2550
Idem .....	15500	Revolução em	—
Idem .....	12550	marcha ...	7500
J. R. ....	15500	Idem .....	7500
Jamor .....	8500	Idem «P» ..	15500
João Martins	300500	Roberto Stam	500500
Idem .....	300500	Robespierre	31500
José Romão	20500	Salvador Cruz	38550
Labor .....	20500	Idem .....	107520
Labor II ...	20500	Idem .....	100500
Lentes Verm.	500500	Idem .....	70500
Leque Verm.	80500	Idem .....	120500
Lobo d'Abreu	20500	Sempre	—
Losovaya ..	103550	Avante! ..	25500
Idem .....	106500	Sempre Ar-	—
Idem .....	100550	mes (S) ..	100500
Idem .....	174550	Sfar .....	29500
Idem .....	72500	Idem .....	15500
Idem .....	96550	Idem .....	16500
Idem Verm.	7500	Idem .....	22550
Luta Contra	—	Silva .....	5510
o fascismo	400500	Socorro Perli-	—
Lutações	—	ra Gomes ..	171500
Vermelhos	45500	Spartacos ..	6550
Idem .....	80500	Idem .....	20500
Idem .....	123550	Idem .....	3450
Idem .....	14500	Staline ....	5550
Machuca ..	60500	S. Vilarigues	4800
Maga .....	39550	Idem .....	6150
Idem .....	47500	Idem .....	17500
Mais um ...	5500	S. (2 meses)	200500
A Transp.	6.851.560	TOTAL	11.880.520

Nota — Recebemos de EAM, Faria Borda e Gabriel Pêra, objectos q. não especificamos.

GRANDE  
VITÓRIA

## DOS CAMPONESES DO ALENTEJO

Conforme o «Avante!» tem noticiado, havia meses que milhares e milhares de camponeses se vinham movimentando na luta pelo aumento de salários, mais géneros melhores condições de vida. Por meio de concentrações nas Casas do Povo e de abaixo-assinados com milhares de assinaturas, e ainda pela greve, como fizeram os camponeses de Redondo, os valentes camponeses do Alentejo conseguiram ver parte das suas reivindicações atendidas, obrigando os fascistas do corporativismo salazarista a tomar algumas medidas.

As lutas camponesas de S. Manços, Montoito, Machede, Évora, Igrujinha, Redondo, Montemor, Regazegos, St.<sup>a</sup> Suzana, Portel, Monte do Trigo, Torre, Valongo, Faicoeiras, etc. além de terem dado aos trabalhadores alentejanos uma boa parte das suas reivindicações, foram a escola que forjou a unidade de luta entre os camponeses. Este treino de luta e esta forte unidade foram armas preciosas nas mãos dos camponeses na época das ceifas. As ceifas de 1946 encontram uma grande parte dos camponeses do Alentejo fortemente unidos e dispostos à luta para impor e defender salários compensadores.

Com a aproximação das ceifas, com a aproximação duma época de trabalho intenso no campo, os fascistas, protegendo os grandes agrários logo se apressaram a publicar portarias fixando salários baixos e impondo medidas repressivas para todos aqueles que não emprissem tais medidas. Contra isto levantou-se a grande massa dos camponeses do Alentejo. Camponeses e muitos lavradores fizeram de conta que não existia a tabela oficial e concertaram entre si os salários, apesar de todas as ameaças de repressão. E os grandes lavradores fascistas que estavam agrados à tabela oficial tiveram que pagar os salários exigidos pelos camponeses.

Em Montemor-o-Novo, as autoridades aliadas entram pelo caminho da repressão para com os pequenos lavradores, prendendo alguns que se recusaram a pagar as multas por fugirem à tabela. Mas perante a atitude firme destes e de outros lavradores e da não menos firme atitude dos valentes camponeses desta região, da região de Geramo Vitigal (o grande defensor do povo, assassinado pela PVDE), que se não dispunham a trabalhar pela tabela imposta, as autoridades fascistas foram obrigadas a recuar.

Em Estremoz, um grupo de camponeses, contratados pelo Insigista Fernando de Sousa, depois de estarem no campo, verificaram que só recebiam 12 e 16.500 respectivamente mulheres e homens) e recusaram-se a trabalhar, exigindo: «ou nos pagam o que queremos, ou então põem-nos aqui carros para transportar de novo a casa.»

A firme atitude dos camponeses obrigou o fascista a pagar-lhes o que exigiam. Na freguesia de Arcos (Estremoz), perante a união e firmeza das camponesas que se recusaram a trabalhar por 17.500, todos os proprietários tiveram que pagar os 20.500 diários reivindicados. Da mesma forma, em S. Pedro (Aldeia) os proprietários foram obrigados pela unidade dos camponeses (recusa de trabalho durante uma semana) a pagar a 35.500 e não a 25.500. Em Torrão do Alentejo, ao começarem as ceifas, uma das maiores casas da região (a Casa Gibbham) os trabalhadores para ceifar não lhes fazendo ordenado. Quando chegou o sábado foi-lhes entregue a quantia equivalente a 14.500 diários. No dia seguinte os camponeses foram à praça e, com todos os camponeses da terra, combinaram não trabalhar por menos de 50.500. Os patrões recusaram-se a pagar os 50.500, oferecendo diversas quantias, que os camponeses não aceitaram. Passaram-se os primeiros dias da semana e como os camponeses se mantivessem firmes e unidos, os patrões na 4.<sup>a</sup> feira, não tiveram

outro remédio senão pagar os 50.500 por dia, abdicado além disso caminho para os camponeses das terras próximas se recusarem também, daí para o futuro, a trabalhar por menos de 50.500. Em Viana do Alentejo cerca de 150 trabalhadores, negaram-se a trabalhar por 20.500. Pediram como mínimo 30.500, ao que os patrões tiveram que ceder, pedindo depois mais e mais, alcançando algumas praças, jornas de 65.500. E assim, em quase todo o Alentejo, os salários oscilaram entre 35.500 e 50.500, chegando nalguns casos a atingir 65.500, de nada valendo a tabela e a vontade de alguns grandes lavradores fascistas.

## CAMPONESES DO ALENTEJO!

Pelas vossas lutas anteriores, pe-

## A classe operária contra a exploração

Seguindo as palavras de ordem do Partido Comunista, a classe operária não dá descanso ao patronato fascista. Intensificam-se as lutas nas empresas (concentrações, paralizações de trabalho, comissões) e nos sindicatos.

As lutas dos operários de cortumes de Alcanena, através das quais conseguiram um aumento de salários superior a 30% e a fixação de categorias; as lutas dos operários da fábrica de cortumes da Apelação, que obrigaram os patrões a um aumento de 1.550 e 2.500 para mulheres e homens; a luta dos aprendizes da C.<sup>a</sup> Nacional de Navegação, cuja Comissão Permanente conseguiu aumento para todos os aprendizes; a luta dos operários da União Vidreira, que levaram os patrões a aumentar, primeiro 2 e depois 3 a 5 escudos; as lutas dos operários da C.P.

É necessário que em todas as fábricas e oficinas os operários constituam as suas Comissões de Unidade e as transformem em COMISSÕES PERMANENTES. Que as comissões das fábricas e das oficinas duma mesma localidade, duma mesma região, duma mesma indústria, unifique a sua acção formando Amplas Comissões de Delegados Operários para dirigirem a luta na localidade, região, indústria.

repetem-se as escondidas da nação em todos os organismos corporativos que são voz do governo.

os verdadeiros fomentadores do mercado negro, os responsáveis pela escassez. Não bem o compreende o nosso povo que por todo o país se multiplicam as lutas que só por falta de espaço não publicamos neste nº.

Falta o azeite, mas a Junta Nacional das Frutas exporta 1.500.000 quilos de azeitona e grandes quantidades de azeite.

Falta o lousinho e a carne, mas a Junta da Pecuária, comandada pelo grande fabricante de presuntos, salchicharia e fiamados, Isidoro, desvia toda a carne para a sua indústria, exportando-a depois em grandes quantidades.

Falta o peixe, mas os organismos corporativos protegem a venda para o mercado negro, impedindo a venda às várias pobres que vendem de porta em porta e abafam pela violência as reclamações das valentes peladeiras biberísticas.

Estes exemplos podem multiplicar-se. Nas mercearias ficam durante meses os géneros que lhes deviam ser distribuídos pela Intendência. Depois esses géneros aparecem no mercado negro. Quem os distribui senão os organismos corporativos? Por detrás desta acção do corporativismo está

la vossa indefectível unidade e firme disposição para novas lutas durante a época das ceifas, obrigastes o governo fascista de Salazar e os grandes lavradores a satisfazerem as vossas reivindicações.

## Camponeses!

Não deveis esquecer que uma nova época de crise de trabalho vos espera. Por isso não vos deveis separar. Isto quer dizer que se impõe desde já a necessidade de elegerdes as vossas Comissões de Unidade, para que tratem, junto das Casas do Povo e das autoridades, da defesa dos vossos interesses, da defesa do vosso pão e do pão dos vossos filhos. Isto quer dizer que deveis reforçar ainda mais a vossa unidade.

Avante para novas lutas vitoriosas!

## MERCADO NEGRO

(do pag. 1)

o próprio governo e a sua política. O governo tem sido incapaz de tomar medidas para o aumento

da produção, para o abastecimento do mercado e a baixa do custo de vida e toda a sua preocupação é aumentar os lucros dos grandes capitalistas à custa do povo e ganhar ao estrangeiro um apoio para se manter no poder a troco de concessões prejudiciais ao povo e à nação. O povo estoura de fome, mas o governo dá 25.000 contos para auxílio aos povos famintos doutros países! Falta o milho para o pão e diz-se não haver barcos para o trazer das colónias, mas o governo faz exportar de Angola para a África do Sul 40.000 ton. em barcos nacionais.

É necessário que em todos os pontos do país o povo reclame JUNTO DAS AUTORIDADES, GRÊMIOS FEDERAÇÕES, INTENDÊNCIAS E JUNTAS, contra o mercado negro e denuncie publicamente os verdadeiros condonadores. Que os pequenos produtores resistam às requisições e o povo se oponha à saída do milho e do trigo das suas terras quando deles precisam. Por toda a parte, junto das autoridades e organismos corporativos, o povo deve exigir a venda livre dos géneros, o aumento das quantidades, a sua distribuição regular e que o abastecimento do mercado seja assegurado.

CONTRA AS MANOBRAS DE DIVISÃO, UNIDADE CADA VEZ MAIS FIRME!



Porque é que a Inglaterra e os E.U.

## OPUSERAM O VETO à admissão da Albânia

ANTES da guerra, os estados balcânicos eram estados semi-colónias dominados pelo imperialismo. O capital estrangeiro (alemão, inglês, americano, francês, italiano) dominava-os e estrangulava-os. Os imperialistas não podem resignar-se a que os movimentos libertadores nos povos balcânicos e a ajuda que lhes prestou o Exército Vermelho e lhes presta a URSS os conduzam para a democracia e para a independência. Querem manter os seus velhos privilégios e, com esse objectivo apóiam os restos da reacção e do fascismo no Balcans, fomentando complicações internacionais. Exigem a «internacionalização do rio Danúbio» ou a «liberdade de navegação», como se os estados danubianos não pudessem resolver por si essa questão. Ameaçam e provocam incidentes com a Jugoslávia, a Roménia, a Bulgária. Protegem abertamente os fascistas nestes países. Levam ao poder, à custa de terror, de assassinatos, de falsificações, a monarquia fascista grega odiada pelo povo. Como, porém, no Balcans, as democracias se consolidam, o imperialismo investe contra o estado mais pequeno e mais fraco: a Albânia, que combate heroicamente o invasor fascista e constrói hoje uma progressiva democracia. Negu o reconhecimento da democracia albanesa, anima as pretensões territoriais dos fascistas gregos contra a Albânia. A Inglaterra vai ao ponto de cortar relações com o povo albanês, sob o pretexto de «atitude pouco amigável». Tudo isto tende a esmagar a República albanesa, levando de novo ao poder a reacção e o fascismo, que entreguem a Albânia ao imperialismo estrangeiro, abrindo assim a este uma nova testa disponível nos Balcans (a outra é a Grécia), para a sua penetração, as suas ofensivas e ataques. Foi este propósito belibendo de aniquilar a jovem Albânia que levou o «bloco» anglo-saxónico a opor o seu veto à admissão da Albânia na ONU, apesar dos votos favoráveis dos outros estados.

PORQUE É QUE A U. R. S. S. OPÔS O VETO

## à admissão da Tranjordânia

A Tranjordânia é um estado árabe formado em 1921 com a participação directa da Inglaterra e posto sob mandato pela Sociedade das Nações em 1922. Está situada numa região semi-desértica e tem uma baixa população. Sendo economicamente uma região pobre, estrategicamente é de primordial importância como ligação das possessões britânicas no Mediterrâneo e Iraque, que se estendem até ao Golfo Pérsico. Em Março, a Inglaterra assinou um tratado com a Tranjordânia, garantindo-lhe uma independência aparente, procurando assim criar-lhe condições para lhe dar entrada na ONU e contar com mais um voto para levar a cabo a sua política imperialista. Na realidade o tratado não concede a independência à Tranjordânia, mantém a ainda mais ao imperialismo inglês, que continua controlando a sua política externa, as suas finanças, reservando para si o direito a concessões, à manutenção de forças armadas, o direito de declarar a lei marcial e de ter oficiais britânicos na administração do emirado. A Tranjordânia transformou-se assim numa verdadeira base militar da Inglaterra. Assim a Inglaterra e os elementos reacçãoários procuram no território da Tranjordânia tropas permanentes, entre as quais 40.000 polacos mercenários, recrutados entre os elementos fascis-

tas do exército anti-soviético e anti-polaco do general Anders.

Nestas condições, o emirado da Tranjordânia representa um perigo para a independência dos povos árabes e para a paz no Médio Oriente. Compreende-se assim que a URSS tivesse oposto o seu veto à entrada da Tranjordânia na ONU.

### A vida e a luta do povo português NA IMPRENSA ESTRANGEIRA

A propaganda salazarista esforça-se por mostrar ao povo português que, no estrangeiro, toda a imprensa tece louvores ao Estado Novo. A verdade é que, embora haja ainda lá fora muita incompreensão, a situação portuguesa e as lutas do nosso povo começam a ser conhecidas, por intermédio da imprensa e das organizações progressivas. Começamos neste n.º, a publicar notícias a este respeito.

o «Classe Operária», órgão central do Partido Comunista do Brasil tem publicado várias notícias sobre o movimento anti-fascista em Portugal, entre as quais um artigo sobre Bento Gonçalves e outro sobre a conduta heroica da camarada Maria Machado, extraídos do «Avante!».

AVANTE!

# A luta dos povos livres CONTRA O IMPERIALISMO

A CONFERÊNCIA DA PAZ e o trabalho do Conselho de Segurança na ONU têm mostrado algumas tendências altamente prejudiciais à cooperação entre as nações e para a paz. Um dos princípios que diferenciam a ONU da extinta Sociedade das Nações é a exigência da **unanimidade das decisões** das grandes potências para qualquer acção importante da organização internacional. Esta exigência significa que as grandes potências (os 5 membros do Conselho de Segurança: Inglaterra, América, URSS, França e China) devem dissenir as questões, fazer transigências mútuas, de forma a chegarem a acordo. Significa também que o direito de VETO (ou seja o de uma das potências se opor à realização duma decisão da maioria) é imprescindível. A unanimidade e o veto vizam impedir a formação de «bloco» pelos quais um estado pretenda, por maioria, impor a sua vontade a outros estados. Isto mostra como a unanimidade de decisões é uma orientação justa, para levar as nações a chegarem a acordos pacíficos.

Mas na Conferência da Paz e no Conselho de Segurança tem-se mostrado que há estados pouco satisfeitos com a Carta das Nações Unidas, com o sistema da unanimidade e do veto e que desejam impor a sua vontade nos outros estados. A Inglaterra e os E.U. formam claramente um «bloco» contra a URSS e, por maioria, pretendem ferir os interesses soviéticos e dos países mais democráticos. Erros e vícios da S.D.N. voltam a repetir-se. A razão se a solução do caso espanhol; ementou-se e arrastou-se uma pretensa «questão» persa; os anglo-saxões, ao mesmo tempo que protestam contra o veto soviético à admissão de Portugal fascista, da Tranjordânia-colónia-inglesa e do Eire reacçãoário, não falam do veto anglo-americano à admissão da Albânia democrática e da Mongólia

Popular: protestam contra os pedidos soviéticos de reparações à Itália, ao mesmo tempo que foram esta a gastar com as forças de ocupação a soma astronómica de 420 milhões de libras (fins de 1945.)

A estes manejos na ONU, que só podem ser fatais para a cooperação internacional, corresponde uma campanha de mentiras e calúnias contra a URSS e as jovens democracias da Europa. E procura também intimidar-se. A «diplomacia atómica» é uma arma dos militaristas norte-americanos que sonham com o domínio mundial pelos Estados Unidos. Esquecem que a URSS tem força bastante para se não deixar intimidar. E a Jugoslávia, rejeitando o ultimato americano, mostrou a decisão das jovens democracias.

Com tais acções e campanhas procura desviar-se a atenção dos povos do mundo do agravamento da exploração colonial e do domínio imperialista. Na Índia, a Inglaterra provoca a divisão e a guerra civil para enfraquecer as forças nacionais e poder continuar negando a independência. Na Palestina, ataca a guerra entre árabes e judeus. No Egipto, a ocupação permanece, apesar de todas as promessas. A Tranjordânia, dá-se uma «independência» que não é mais que um processo de a tornar uma base militar inglesa. Na Síria, no Líbano, as tropas continuam. Na Grécia, impõe-se com sangue e falsificações eleitorais o regime odiado do rei Jorge. Na China, armam-se as tropas de Chang-Kai-Chek e atacam-se à guerra civil. Na Indonésia, afoga-se em sangue a República. Ingleses e americanos apoiam a reacção em todo o mundo, em Espanha como em Portugal, na Europa Oriental, como nos países árabes e no oriente.

A URSS e os povos que na ONU levantam a voz em defesa da democracia e da liberdade das nações sofrem naturalmente ataque dos imperialistas e negreiros coloniais. Nisso são apoiados por todos os fascistas sobreviventes, por todas as forças obscuras da reacção mundial.

A vontade da reacção seria lançar uma cruzada contra a URSS e a Europa oriental. Porém, como disse Stáline, há milhões de homens simples que velam pela causa da paz. Em todos os países crescem as forças democráticas. As recentes eleições-chave eslovacas, em que os comunistas foram os grandes vencedores com 40% de todos os votos na Boémia e Morávia e 50% na Eslováquia, e que levou os comunistas ao comando do ministério; a luta antagónica da República em Itália e a vitória socialista-comunista; as eleições na Saxónia em que o Partido Unificado dos trabalhadores alemães teve a maioria absoluta, constituem mais comprovações dos desejos dos povos. E a trié reacçãoária Blum-Daniel Mayer do Partido Socialista Francês, que tem negado a unidade com os comunistas e conduz uma política anti-soviética (e que custou uma baixa de centenas de milhares de votos no P. Socialista nas eleições de 2 de Junho) teve uma amostra da vontade dos filiais do Partido, quando, no Congresso deste mês foi reprovado o informe político feito por D. Mayer.

O imperialismo e a reacção defrontam-se vontade, a decisão eco combate dos homens simples, dos povos amantes da independência e da paz. E por isso a democracia continua caminhando no mundo.

A UNIDADE FORJA-SE NA LUTA